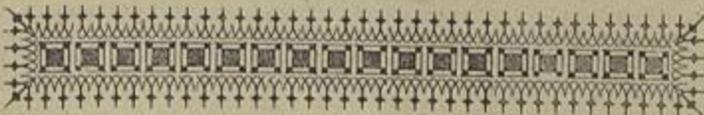
Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 790

10 DE DEZEMBRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

D. FR. CAETANO BRANDÃO
Bispo do Pará e arcebispo de Braga

CHRONICA OCCIDENTAL

Em meio das festas com que no porto de Lisboa foi recebida a poderosa esquadra ingleza, depois de varias notas do governo portuguez que não obtiveram a devida resposta, sahiu de Lisboa o ministro de Hollanda e por telegramma foi mandado retirar da Haya o ministro de Portugal, sr. conde de Selir.

Rompimento de relações? Parece que não; apenas um resfriamento. Resta-nos talvez esclarecer uns factos, provar mais evidentemente a nenhuma correcção com que procedia em Lourenço Marques o consul da Hollanda, ex-consul do Orange e Transvaal, a quem o governo portuguez, em seu plenissimo direito, retirou o *exequateur*.

Mostrou o governo sua energia, e decerto ninguem lhe levará a mal que uma vez, por excepção, não nos deixemos humilhar ante os caprichos de extranhos. Contra os braços cruzados e só livre a lagrima, diz o nosso Padre Manuel Bernardes no final da primeira parte da LUZ E CALOR: «O espirito de carpimento é uma das mais occultas e damnosas tentações do demonio; porque, em vez de nos levantarmos das nossas ruinas com presteza e soltura e ir andando o caminho de Deus com alegria, como pudermos, nos embebemos em carpir e lamentar nossas miserias, soterrando-nos na pusilanimidade e desconfiança de podermos andar.» Era um psychologo excellente esse fradinho e o que elle diz de certos casos, restrictos a seu santissimo ponto de vista, facilmente se applica á generalidade das acções humanas.

Ao facto não se tem feito os commentarios, que n'outra qualquer occasião mereceria, porque a visita da esquadra ingleza e os discursos do sr. D. Carlos e do almirante britannico teem absorvido todas as attenções. Estreitaram-se os laços de alliança entre Portugal e Inglaterra. Não ha duvida que falam cheios de logica os que exaltam esta maior approximação entre os dois paizes assegurando-nos innumeras vantagens. Não nos dizem comtudo que lucros aufere a Inglaterra, o que não deixa de ser para meditar.

Os soldados inglezes teem agora sustentado, a muitas leguas da patria, em climas para elles terriveis, uma lucta gloriosissima. Muitos d'elles, millionarios illustres, trocaram o luxo e o conchego de suas casas em Londres pela mochila do simples recruta. O amor que todo o inglez tem á patria causa admiração e desperta sympathia; mas até o amor da patria deve ter limites. Philosophicamente a tal respeito escreve ainda o nosso Bernardes: «O amor da nação e patria necessita de ser correcto. E' vergontea do amor proprio, mas póde e deve enxertar-se no de Deus; quando não, levará muito amargosos e desabridos fructos, (especialmente em communidades) de ranchos, divisões e amizades particulares e outros peores, que se multiplicam d'estas pevides. Advirtamos pois que a nação dos espiritos é uma só, porque nasce do espirito de Deus, que é simples e indiviso. E para o varão forte todo o mundo é patria, para o perfeito todo é desterro.»

A esquadra ingleza foi recebida com tantas festas, jantares, *raouts*, *lunchs*, partidas de *lawn-tenis*, que todo o official decerto desterrou tal idéa de desterro. Nenhum d'elles quiz ser varão perfeito; contentou-se com ser forte.

Um nevoeiro cerradissimo, d'estes vulgarmente chamados de se cortar á faca, espalhou-se sobre o rio e toda a cidade na vespera da chegada dos inglezes, fazendo pulsar com maior vigor os corações dos sebastianistas, se algum ainda vive em tempos tão improprios a sonhadores. Mas, logo no dia seguinte, o sol brilhou intencissimo e a lua, á noite, illuminou seu espelho de prata em céo tão azul, que empallideceu as illuminações esplendidas dos grandes couraçados britannicos.

Estamos atravessando uns dias lindos de inverno e toda a idéa de temporaes anda longe de nós. Nem sequer a sahida dos ministros da fazenda e obras publicas, srs. Anselmo de Andrade e Pereira dos Santos, logo substituidos pelos srs. Mattoso dos Santas e Vargas, conseguiu mais do que enrugar a superficie tranquilla do lago em que navegamos. Uns tiroteios em jornaes, exercicios de polvora secca.

MONUMENTO A D. FR. CAETANO BRANDÃO — Inaugurado no Pará, em 15 de agosto de 1900
(Copia de uma photographia do sr. J. Siza)

A população de Lisboa, gosando como melhor pode a dadiva, concedida por Deus omnipotente, d'este céo azul, incomparavel, vai passeando pela Avenida e exhibindo vaidosa os ultimos modelos de Paris. A' noite vai á Duse.

Que mais quer? De dia Sua Majestade Phebo, Rei dos astros, entorna sobre velhas e novas, bonitas e feias, a cornucopia cheia de pó d'oiro e de scintillantes pedras preciosas; de noite a Duse, astro brilhantissimo tambem, Rainha de todas as estrellas, a velhas e novas, a bonitas e feias, move deliciosamente os corações.

E' o que se chama uma população com sorte.

E não pára aqui. Assim que a Duse partir, volta do Porto a companhia do theatro D. Amelia e n'um de seus proximos espectaculos toma parte a deliciosa Marguerita Deval, uma formosa cançonetista, que está fazendo as delicias do publico de Madrid. Os elephantes já chegaram ao Colyseo e brevemente abrirá S. Carlos. Vamos de vento em pôppa no caminho das maximas alegrias! Nem se pode com rosto mais contente dar o salto d'um seculo para o outro!

Assim distrahidos, caminharemos; mas se descançarmos socegados em demazia no bom tempo, que em todos os nossos céos esplende, não nos admire se, um dia, tivermos de philosophar um bocado sobre o seguinte periodo do já duas vezes citado philosopho portuguez: Não pode o homem negar o parentesco que por parte dos sentidos tem com os brutos; e estes aprendem com a vara.» Pão n'uma das mãos, vara na outra... Estamos na hora do pão. Deus a faça milagrosamente durar por muito tempo.

Gosemos d'este verão de S. Martinho, que tanto melhor deve ser recebido quanto é certo que chegou atrazado. Mas não esqueçamos o que diz um santo e que assim Bernardes traduz: «Por ventura porque o lobo não arrebatou a ovelha, por isso ao vir era lobo, mas ao voltar se voltou em ovelha? Quando veiu bramia, quando voltou tremia; mas, ou bramindo ou tremendo, sempre era lobo.»

E, aqui pelo nosso luminoso paiz, nunca se trata d um lobo só, senão d'uma alcatéa, sempre prompta a atacar. Tem varios nomes e sempre bons dentes e consta que engorda. Tremerá agora? Dizem que pouco treme, mas, como emfim não brame, deixa dormir o menino o seu somno socegado.

E' bom dormir de quando em quando, tomar um pouco de brometo que nos tranquilise os nervos excitados, sonhar um nadinha, ver uns laivos côr de rosa no panno preto que nos esconde o futuro. Já que o tempo assim corre e as harpas eolias gemem cheias de harmonia, fechemos docemente os olhos com essa cantilena, que nos embala nos artigos de fundo dos jornaes. O céu é todo azul, o Tejo simelha uma enorme saphira, larguemos as velas aos nossos ideaes, que teem á vontade espaço e vento propicio para bordejar. Tudo promette um anno bom. Um anno?... Talvez um seculo, o seculo que ha de vir e cuja aurora se annuncia maravilhosa, esplendente, scintilando com todos os cambiantes d'um mosaico precioso.

O caminho que seguimos será bom? Quem nol-o mostrou? Aonde vai parar? Quem sabe? Terá o Padre Bernardes ainda uma vez razão?... Agora vez não sei; mas cito o que elle diz: «Importa perseverar dentro do barco em que estamos, para passar o golfo d'este mundo e sair no outro; porque, ainda que muitas vezes nos não puzesse n'elle a mão de Deus, senão as dos homens, todavia, uma vez dentro, quer Deus que não saiamos. Mudanças e transmigrações, ainda de bem para melhor, são arriscadas, não por razão do termo, senão da passagem.»

Já dizia o dictado: o melhor é inimigo do bom. Mas será isto o bom? Digam-o os sabios da escriptura.

João da Camara.

DOM FREI CAETANO BRANDÃO

«..., é certo que se o nome de D. Fr. Caetano Brandão não foi pela egreja incluido no catalogo dos santos, nem por isso a sua memoria deixará de ser para sempre cara a todos os amigos da humanidade».

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

(Archivo Pittoresco, vol. 8.º, pag. 156).

Gloria a Portugal! — honra e louvor a esta patria de limites acanhados nas dimensões do sólo, mas gigantesca e invejavel no numero e qualidade de filhos immortaes que gravaram em letras de oiro á superficie do planeta o nome da terra que lhes foi berço!

Isto disse ao lêr no jornal brazileiro *A Provincia do Pará*, a narrativa das festas solemnes realisadas na cidade de Belem, no dia 15 d'agosto do anno corrente, por occasião de ser inaugurada na grande praça de seu nome a estatua monumental de Dom Frei Caetano Brandão.

E, agora, que presto homenagem humilde á memoria do que foi sacerdote modêlo, repito novamente as mesmas palavras que então me acudiram aos labios.

Sim: gloria, honra e louvor a Portugal, exiguo no territorio continental e sem medida quanto ao valor intrinseco que tem nobilitado muitos varões egregios que aqui tiveram luz de existencia!

Em 11 de setembro de 1740, nasceu no logar e freguezia de S. João Baptista do Loureiro, pouco distante das villas de Estarreja e Oliveira d'Azemeis, bispado do Porto, aquelle que havia de legar aos vindouros uma fama perduravel, Caetano Brandão!

Seu pae, Thomé Pacheco da Cunha era sargento-mór de ordenanças e sua mãe chamava se Maria Josepha da Cruz.

Por fallecimento d'aquelle o orphão tendo attingido edade propria para inicio de estudos e definição de carreira, manifestou a sua mãe desejos de abraçar disciplina religiosa.

Queria ella que seu filho cursasse direito na Universidade de Coimbra; mas vendo em Caetano vocação decidida para recolhimento mystico e contenção de espirito para as verdades fundamentaes do dogma catholico, parece haver emfim deixado de insistir com tal proposito.

Alistou-se o mancebo miliciano de S. Francisco, no collegio de S. Pedro da Terceira Ordem da Penitencia, na cidade do Mondego.

A sua profissão teve logar aos 28 de novembro de 1759, contando portanto dezenove annos de edade.

Doutor em theologia e apostolo convicto do Evangelho de Jesus, de então em deante o seu conselho paternal e a sua palavra communicativa, aplanaram os penhascos invios de descrença para muitas almas geladas na fé e illuminaram o entendimento fraco de muitos futuros ecclesiasticos.

O confessionario, o pulpito e a cadeira de professor fôram campo uberrimo de seu trabalho activissimo e incançavel e triumpho brilhante da doutrina do Christo por intermedio de seu ministerio.

Coimbra, Evora, Vianna do Alemtejo e Lisboa testemunharam do effeito prodigioso de seu verbo convincente e de sua figura edificante.

E' certo que Fr. Caetano fugia de ostentações inuteis e de actos irrisorios e melodramaticos, o que, porém, não podia evitar era que o seu nome corresse de boca em boca abençoado pelas multidões.

Elle amava o silencio e a clausura da cella com affecto entranhado de verdadeiro ascéta; entretanto, comprehendendo a necessidade publica de exercicio de catechése redemptora não se furtava ao olhar das massas populares nem se negava aos opulentos de fortuna em sua missão de padre.

Tudo isto e o seu comportamento irreprehensivel no rigor maximo do termo levou sua fama em nimbo aureo até ao alcaçar da realeza.

Quizera Fr. Caetano embarcar para Angola em 1778, animado pela idéa de ir annunciar a palavra de Deus entre gentes não baptisadas ainda; todavia, tinha-se opposto á sua vontade o querer alheio e elle encontrara resignação na propria lei de obediencia ao destino.

Estando em Evora no anno de 1782 recebeu communicação da parte da rainha D. Maria I, noticiando-lhe achar-se designado para bispo do Pará.

Foi grandissima surpreza esta nova para caracter cheio de modestia e de humildade como era o seu e foi ensejo tambem de combate incendido entre reluctancias graves no tribunal de sua consciencia para acceitar.

Comtudo, o franciscano declarou-se vencido no prélio intimo contra o alto grau de dignidade em que acabavam assim de o investir sem préviamente o consultar e conformou-se ao desejo soberano certo aliás de que saberia desempenhar com zêlo o seu novo cargo apostolico.

Deixou Evora pezaroso e dirigiu-se para o logar de residencia da côrte, onde, antes de partir para o outro hemisphério agradeceu a D. Maria I a prova de consideração elevada com que Sua Magestade resolvêra agracial-o.

Merecem registo especial as palavras seguintes de despedida proferidas no paço por elle no momento de beijar a mão da rainha: «Senhora, vossa magestade fica responsavel perante Deus pela escolha que de mim fez para indigno bispo do Pará!»

Confirmado pela Santa Sé e expedidas as bullas respectivas sagrou-se no dia 2 de fevereiro de 1783, largando de Portugal e dando entrada em sua diocese n'esse mesmo anno.

Foi no corrrer do mez de novembro que suas plantas calcáram terra paraense, «e tratou immediatamente, como disse o Dr. Ignacio Baptista de Moura, representando a Misericordia de Belem em seu discurso no dia da inauguração da estatua, de pôr em pratica as doutrinas do Crucificado, sobretudo as que se referiam ás obras de misericordia.

«Esmolava de porta em porta para soccorrer os necessitados e viu a utilidade suprêma que teria uma santa casa, onde podesse abrigar os enfermos pobres ou aquelles que por aqui não tivessem quem melhor os tratasse. Foi assim que em 1787 fundou o hospital de misericordia que tantos beneficios tem feito a esta população »

Mas fr. Caetano não se contentava com fazer convergir seus cuidados e seus esforços para um ponto exclusivo; logrou é verdade a satisfação de um pensamento primario fundando o hospital, e simultaneamente congraçou animos irritados entre os habitantes do Pará, pacificou discordias no lar domestico de familias, reprimiu pela simples suggestão de seu exemplo insinuante muita soltura de costumes e muito inflammar de paixões. Casto e sobrio, persistente e austero, sempre lhano e agradavel, pautava constantemente o seu proceder pela philosophia d'estas suas reflexões conceituosas e profundas: «Nunca a egreja foi mais bella e formosa aos olhos do céo do que nos primeiros dois seculos do christianismo; porém observo, que nunca foi mais pobre e desprezivel á vista da prudencia da carne. Deus quer ser adorado em espirito e verdade; corações humildes e puros formam o objecto das suas mais amaveis complacencias; e a pompa do culto externo só tem merecimento a seus olhos em quanto é degrau por onde a nossa fraqueza sóbe a elle».

Fr. Caetano visitou as populações de sua diocese, entranhando se pelas margens dos rios Negro e Amazonas e attrahindo centênas de selvagens á sombra da Cruz.

D'este prelado insigne jámais poderia escrever-se conforme escreveu J. M. Pereira da Silva na *Historia da Fundação do Imperio Brazileiro*: «Um bispo do Pará excommungou o ouvidor, por estranhar esta auctoridade as suas injustiças e prepotencias, e passou ordens ao vigario geral para que não o reconhecesse mais como auctoridade da comarca».

Dom Frei Caetano Brandão era justo e bom, fórte no dever, intransigente no dogma, doce no sentimento e sympathico no porte; alliava em sua pessoa as qualidades caracteristicas de pureza integra na virilidade moral com o timbre augusto da caridade insaciavel.

Estes titulos e predicados sublimes, este ideal grandioso convertido em realidade plenissima no transito ephemero do mundo pela vida d'um homem modesto como foi fr. Caetano, continuando a lustrar lhe o sacerdocio e a provocar-lhe applausos em todas as consciencias, preparou egualmente maior culminação jerarchica para seu desprendimento absoluto.

Em junho de 1789, tendo aportado o navio portuguez *Aguia* ao Pará, foi-lhe transmittida noticia de que fôra nomeado arcebispo de Braga, primáz das Hespanhas, em data de 28 de abril. Instruido ao mesmo tempo de que devia regressar quanto antes á metropole e assumir a direcção das almas na christandade de que ia ser novo pastor, embarcou no mesmo navio em 9 d'agosto, chegando ao porto de Lisboa no mez d'outubro.

Fez a sua entrada na cidade de Braga, a 17 de setembro de 1790, depois de lhe serem enviadas de Roma as bullas com o pallio. Durante os quinze annos que mediáram até á sua morte, acontecida pela tarde do dia 15 de dezembro de 1805, manteve inalteravel fr. Caetano a sua linha de conducta, esquivando-se a exhibições de fausto e não alterando o seu passadio em que o jantar — «não passava de sopa, vacca, arroz, algum prato de meio da mesma vacca, fructa e queijo.»

Em compensação a esta frugalidade singular, repartia amplamente pelos pobres os rendimentos da mitra e as luzes de seu saber e a benemerencia de sua virtude no anceio vehemente de sua abnegação desinteressada!

Para bem se avaliar o quilate finissimo nos meritos e nas intenções do arcebispo de Braga, Dom Frei Caetano Brandão, peço venia aos leitores para transcrever aqui a seguinte pagina eloquente e compendiosa de Innocencio Francisco da Silva: «Em janeiro de 1792 affixava-se nos logares publicos da cidade, e por todo o districto do arce-

bispado, um edital, que propunha vinte premios de cincoenta mil réis cada um, offerecidos pelo prelado para serem distribuidos em março do anno seguinte. Teriam direito a entrar na distribuição os lavradores e industriaes de ambos os sexos, que mais se distinguissem no concurso a que os chamava, exhibindo provas de maior progresso e aperfeiçoamento nos respectivos misteres. Como taes se consideravam, segundo o texto e letra do programma:

Os dois lavradores ou lavradoras que mostrassem haver plantado no decurso do anno corrente maior numero de tanchões, ou estacas de oliveiras, com tanto que excedessem a cincoenta, e que na plantação se guardassem as regras estabelecidas nos melhores processos agricolas;

Os que comprovassem haver feito maior sementeira de linho, passando esta de dez alqueires de linhaça;

O caixeiro que apresentasse mais perfeito conhecimento das regras da arithmetica, do negocio mercantil e da arrumação dos livros commerciaes, por partidas dobradas ou singelas;

O aprendiz fabricante de sedas que tecesse a melhor peça, quer na quantidade, quer na qualidade;

O aprendiz de sombreireiro que fabricasse o melhor chapeo;

O de tecelão que tecesse a melhor peça de toalha ou guardanapo;

O de cuteleiro que maior perfeição mostrasse em obras de sua arte;

O armeiro que tivesse construido a melhor arma;

O livreiro que apresentasse a melhor encadernação;

O carpinteiro que apresentasse a melhor e mais perfeita obra de marcenaria.

Para as mulheres destinavam-se oito premios, que seriam conferidos ás que primassem na fiação e tecido de linho e talagagens; nas obras de costura; de bordadura a oiro, prata ou seda; na manufactura de meias de agulha e em obras de serigaria.

Eram condições essenciaes para obter a concessão dos premios certificados de pobreza e bons costumes; e deviam outrosim os oppositores mostrar-se comprehendidos em edade não excedente a vinte annos».

Eis um documento authentico demonstrando perante o mundo quão justa foi a causal determinante para ser levantada uma estatua de bronze sobre pedestal granitico a essa figura veneranda e proeminente do episcopado brazilico-portuguez.

São estas as inscripções que se lêem no monumento esplendido que os nobres paraenses nossos contemporaneos consagraram á memoria do que foi bispo de sua egreja em 6 annos do quartel derradeiro do seculo XVIII:

Frente:

A' memoria de Dom Frei Caetano Brandão. O municipio de Belem. 1900

Lado direito:

Inauguração do Hospital da Santa Caza da Mizericordia em 25 de Julho de 1787.

Fundo:

Resolução do conselho municipal numero 54 de 24 de Março de 1899.

Lado esquerdo:

Nasceu em 11 Setembro de 1740 — nomeado Bispo do Pará em 1782 — Arcebispo de Braga em 1789. † 15 de Dezembro de 1805.

A estatua foi erguida em local fronteiro ao hospital sobre cuja portada existe este distico:

Hospital do Senhor Bom Jesus dos pobres fundado por D. Fr. Caetano Brandão em 1787

Honra e louvôr, gloria immarcessivel a este cantinho occidental da Europa que embalou semelhante ser typico no berço flaccido da innocencia infantil!

Cabe n'esta altura transcrever o teôr de um instrumento publico relativo ao franciscano immortal:

«*Termo de inauguração do monumento mandado erigir ao bispo dom Frei Caetano Brandão pela intendencia municipal de Belém.*

«Aos quinze dias do mez de agosto de mil e novecentos, undecimo da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, ás oito horas da manhã, n'esta cidade de Santa Maria de Belém do Gram-Pará, em a praça Dom Frei Caetano Brandão, achando-se presentes o governador do Estado, dr. José Paes de Carvalho; o intendente municipal de Belém, senador Antonio José de Lemos; o reverendissimo bispo diocesano, dom Antonio Manoel de Castilho Brandão; os membros do conselho municipal e auctoridades civis e militares, perante numeroso concurso de pessoas de todas as classes sociaes, teve logar, com as solemnidades proprias do acto, a inauguração do monumento erigido á memoria do bispo dom Frei Caetano Brandão pela intendencia municipal de Belém, em virtude da Resolução do respectivo conselho, numero cincoenta e quatro, de vinte e quatro de março de mil oitocentos e noventa e nove. E, para constar, lavrou-se este termo que vae assignado pelo dr. governador do Estado, intendente municipal, bispo diocesano, membros do conselho municipal de Belém, auctoridades civis, militares e ecclesiasticas e mais pessôas que assistiram ao acto. Eu, Elyseu Elias Cezar, secretario interino da intendencia de Belém, o escrevi.»

Entre as assignaturas das pessoas indicadas no instrumento que acaba de lêr-se figura tambem a do nosso consul dr. Adelino das Neves e Mello, convidado gentilmente pelo senado paraense a assistir á apotheose captivante.

Vou encerrar este escripto desalinhavado com palavras de um parente estremecido que já descança no tumulo, D. Antonio da Costa:

«Mas de todos esses monumentos do campo da Vinha, escreveu elle no capitulo *Braga* do livro *No Minho*, o que mais me enfeitiçou foi aquelle entre o seminario e o templo da Graça. Ainda não tinha ido a Braga e já o estremecia, por elle perguntei assim que cheguei, e para elle me dirigi logo que a doença m'o consentiu. Creou-o um dos espiritos mais elevados de Portugal, deu-lhe rendas, e sobretudo foi o seu coração que elle lhe deu: é o collegio de S. Caetano para a educação dos orphãos do sexo masculino, instituido pelo grande arcebispo D. Fr. Caetano Brandão.

Que te acontece a ti, leitor, quando enthusiasmado já de ha muito pelas obras de um artista famoso, ou pelos livros de um escriptor admiravel, vens um dia a encontrar esse escriptor ou esse artista? Nunca lhe apertáras a mão, e já o conhecias. Far-lhe-ias respeitosa reverencia ao mesmo tempo que o tratarias por tu. Não saberias explicar a ti proprio como é que o teu respeito ao desconhecido de hontem se ligaria á tua confiança com o teu amigo de hoje.

Ajoelharias aos pés d'elle e estreital-o-ias nos braços.

Foi assim, que ao entrar no collegio de S. Caetano, parei na primeira sala instinctivamente. Olhava para a direita, para a esquerda, como que á espera de «alguem» que já ali me não podia apparecer. Afigurava-se-me que de todos os lados ia ver sair aquelle velho de setenta annos, amoravel, risonho, vindo meigamente para me amostrar a sua obra tão querida, talvez a mais querida de todas.

Aquelle silencio fallava de amor. Aquellas paredes pareciam paredes amigas que me abrigavam do mundo e me diziam: «Aqui respira-se á vontade».

O espirito de D. Fr. Caetano Brandão perfumava o edificio, e a alma sentia-se ali n'uma atmosphera que dulcificava».

Inclito sacerdote cujas cinzas repouzam em sepultura raza na capella-mór da sé de Braga e cujo vulto revestido de capa de asperges, com baculo e mitra a piedade de admiradores delicados fez ostentar aos quatro ventos pela mão da arte na capital de uma das regiões mais opulentas de riqueza natural da America do sul, almo espirito da humanidade e nome pulcherrimo de individuo superior cuja sombra vae de mar a mar e perpassa radiante de continente a continente entre Portugal e o Brazil, sê protector nosso, implora d'Aquelle que te inspirou para o bem na vida terrena uma benção celeste que haja de traduzir-se no paiz que foi tua patria como aurora de emancipação moral e como estimulo e incentivo de trabalho util e proveitoso!

Deus ha de ouvir-te e attender-te, porque tôste eleito de sua milicia e cumpridor imperturbavel de seu mandato!

Dezembro, 2 de 1900.

D. Francisco de Noronha.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS NOVOS MINISTROS

Conselheiro Dr. Fernando Mattoso dos Santos

Nos ultimos dias do mez passado correram boatos de crise ministerial, boatos que se confirmaram no dia 1 do corrente, pela sahida do sr. conselheiro Anselmo de Andrade da pasta da fazenda e do sr. conselheiro Pereira dos Santos da das obras publicas, apparecendo ao mesmo tempo a nomeação dos srs. conselheiros dr. Mattoso dos Santos e engenheiro Vargas para occuparem, respectivamente aquellas pastas.

Como se vê, a crise resolveu-se rapidamente e as causas que a originaram foram: por parte do sr. ministro da fazenda o não poder dispensar nenhuma das medidas que formavam o seu plano financeiro, algumas das quaes não pareceram viaveis aos seus collegas do gabinete; e por parte do sr. ministro das obras publicas o seu estado de saude não lhes permittir a actividade precisa no desempenho do cargo em que fôra investido.

Foi o sr conselheiro Dr. Fernando Mattoso dos Santos o escolhido pelo sr. presidente do conselho para a pasta da fazenda, e esta escolha foi tão acertada quanto bem recebida pelo publico, que conhece o talento e aptidão do sr. dr. Mattoso dos Santos, já experimentado em varias commissões de serviços publicos e das mais importantes e difficeis, de que se tem sempre desempenhado de modo superior, quer no gabinete quer no parlamento.

O sr. Dr. Fernando Mattoso dos Santos nasceu em Campo Maior e cursou a universidade de Coimbra onde foi dos mais laureados estudantes, formando-se em philosophia e medicina. Era medico de partido na Gollegã quando se propoz ao concurso da cadeira de Zoologia e Anatomia comparada, da escola Polytechnica de Lisboa, no qual alcançou a primeira classificação, sendo provido lente proprietario da dita cadeira.

Tempo depois foi provido lente da 2.ª cadeira do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa (Mercadorias); nomeado inspector geral do serviço technico das alfandegas e vogal do conselho superior do commercio e industria e do conselho superior das pautas ultramarinas. Entra na politica em 1887 eleito deputado progressista pelo circulo da Gollegã e successivamente pelo Cartaxo, Covilhã e Horta e tambem par electivo por Aveiro.

Na ultima eleição do governo progressista o sr. dr. Mattoso dos Santos propoz-se candidato independente pelo circulo da Gollegã, mas foi vencido pelo sr. Ressano Garcia, candidato governamental. Agora foi eleito deputado por Abrantes.

Uma das commissões mais importantes que o sr. dr. Mattoso dos Santos desempenhou é a da negociação de um tratado de commercio com a Republica dos Estados-Unidos do Brazil, para o que foi ao Rio de Janeiro. Esse tratado porém, apesar de ter sido assignado, ainda não foi ratificado nem publicado. Mais duas commissões não menos importantes lhe foram confiadas ultimamente, a da pauta minima em que estava trabalhando, alternadamente com a do regimem bancario do ultramar.

Conselheiro Manuel Francisco de Vargas

E' o novo ministro das obras publicas, agricultura, commercio e industria.

O sr. conselheiro Manuel Francisco de Vrgas é bacharel formado em mathematica e engenheiro civil.

Foi chefe de via e obras dos caminhos de ferro do Minho e Douro, fiscal do governo junto da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta, chefe de exploração das linhas de Sul e Sueste, e ultimamente sub-director da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Desde 1890 que é deputado, sendo n'esse anno eleito pelo circulo de Portalegre e em legislaturas successivas até que em 1896 ficou fóra da camara nas eleições feitas pelo partido progressista. Na eleição, porém de 1899 foi eleito pela Horta, por onde agora acaba de ser reeleito tambem.

O sr. Vargas possue largo tirocinio dos serviços publicos, que tem desempenhado sempre com rara intelligencia e zelo, é um parlamentar distincto, pelo que é licito esperar se desempenhe cabalmente do cargo para que o sr. presidente do conselho o convidou.

Desejavamos acompanhar estas linhas com o retrato de s. ex.ª, mas não foi possivel obtel-o pela razão de não o haver.

PARADA EM HONRA DOS REIS DE PORTUGAL EM KOMATI-POORT

Como os nossos leitores já sabem pela leitura das chronicas do OCCIDENTE, realisou-se no dia 28 de setembro, anniversario natalicio de SS. MM. os reis de Portugal, uma parada das tropas inglezas na Africa do Sul e que ao tempo se encontravam em Komati-Poort, em honra dos reis de Portugal e saudação á bandeira portugueza.

Esta prova altamente significativa das cordeaes relações existentes entre a Inglaterra e Portugal, ainda mais ratificadas e confirmadas nos ultimos dias com a vinda ao Tejo da esquadra ingleza do Canal, composta de 10 navios couraçados, com que a nação ingleza mais uma vez quiz provar bem publica e solemnemente a aliança secular de Portugal e Inglaterra, é tão importante no actual momento historico, que escusado é encarecel-a.

E' d'essa parada que hoje damos a reproducção de uma photographia, que apesar da sua simplicidade, é por sem duvida um quadro historico que convem archivar n'estas paginas.

Não menos interessante é a descripção que d'este acto publicou no nosso collega, *O Seulo*, um official portuguez que ali se encontrava na occasião, e que nós pedimos licença para transcrever.

«Na tarde do dia 27, vespera do anniversario de suas magestades, somos convidados pelo general Polecarew para assistir, em Komati-Poort, a uma parada das forças de sua graciosa magestade britannica em honra de sua magestade fidelissima.

No dia 28, montámos a cavallo e partimos para o sitio da parada. Deviam estar formados uns seis mil homens. Em frente ás tropas erguiam-se dois mastros. Começou a manifestação por ser içada a bandeira portugueza, tocando a musica o nosso hymno nacional. Foi içada a seguir a bandeira ingleza, tocando a musica o *Good save the Queen*.

Ao mesmo tempo, o general Polecarew exprimia ao nosso commandante a subida honra que sentia em saudar o chefe de uma nação amiga e alliada.

E, na vanguarda o general Polecarew, com o nosso commandante á sua direita e todos nós á mistura com officiaes inglezes na retaguarda, passou-se revista ás tropas.

Acompanhados pelos inglezes, voltámos ao nosso acampamento, onde estavam formadas as nossas tropas, na força, pelo menos, de 600 homens. Com a bateria de artilheria de montanha que haviamos levado para Ressano Garcia, deu-se uma salva de vinte e um tiros em honra de sua magestade o rei de Portugal. O general Polecarew exprime o prazer de se encontrar em territorio amigo e alliado e saudar o exercito portuguez, de tantas e tão gloriosas tradições. E passou-se depois revista ás tropas.»

CONSELHEIRO DR. FERNANDO MATTOSO DOS SANTOS

NOVO MINISTRO DA FAZENDA

CYRIACO DE CARDOSO

Nascido no Porto em 8 de agosto de 1846, o grande maestro portuguez falleceu em Lisboa com 54 annos de edade, na sexta feira 17 de novembro.

Desde muito novo começou demonstrando sua extraordinaria vocação para a arte em que tão celebre deveria tornar-se. Tocador notavel de rabeca, aos treze annos tomava parte na orchestra do theatro lyrico e aos quatorze regia uma banda musical.

Mais tarde com outros musicos notaveis, Moreira de Sá, Nascimento, Ribas, Moraes Pinto, etc., inaugurou uns concertos magnificos, a que infelizmente o publico, então ainda mal educado em questões d'arte musical, não concorreu como devia.

Escolhido para mestre da banda do Palacio de Cristal, veio a Lisboa dirigir no antigo Passeio Publico uns concertos, que chamaram enorme concorrencia e foram n'esse tempo afamados.

Já então Cyriaco tornára seu nome conhecido como compositor. Por todo Portugal se tocava a sua famosa valsa *Ella*, a que se seguiram *Leonor*, *Le Tage*, etc.

Foi no Brazil que o theatro o atrahiu e por lá se demorou bastantes annos dirigindo orchestras, compondo numeros de musica para operas comicas, magicas e revistas, organisando concertos e sempre augmentando a aureola, cada vez mais refulgente em volta de seu nome.

PARADA EM HONRA DOS REIS DE PORTUGAL, EM KOMATI POORT

(Copia de uma photographia)

CYRIACO DE CARDOSO
FALLECIDO EM 17 DE NOVEMBRO DE 1900

Voltando a Portugal, depois de ter por algum tempo dirigido a orchestra do theatro lyrico do Porto, tomou de arrendamento o theatro Baquet.

Começou ahi a perseguil-o a desventura. Á horrivel tragedia do incendio do theatro, seguiu-se, no breve espaço de poucas horas, a morte d'um filho querido, desgosto profundissimo que o acompanhou até á morte. Cyriaco não se apeava do comboyo na estação de Campanhã que não fosse immediatamente ao cemiterio dizer uma pequena oração sobre o tumulo que encerrava o que mais querido lhe fôra no mundo.

Mas o grande artista tinha deveres a cumprir, a fillhinha pequenina, a Mimi, obrigava-o ao trabalho. Então tomando a direcção do theatro D. Affonso, poz em scena algumas operas traduzidas em portuguez, obtendo grande exito a *Carmen*.

Em 1891 veiu para Lisboa dirigir a orchestra do theatro da Avenida, onde, com muito applauso, foram representadas o *Direito Feudal*, o *Meia Azul* e a *Grã-Duqueza*. No verão d'esse mesmo anno compoz a musica do *Burro do Sr Alcaide*, que elle considerava a sua melhor obra. Desde então o seu nome foi conhecido em todo o paiz por onde suas musicas se espalharam.

Seguiram-se em curtos intervallos *O Valete de Copas*, o *Solar dos Barrigas*, o *Cocó Reineta e Facada*, que depois modificado e chrismado em *Bibi & C.ª* obteve grande exito no Porto e Brazil, *Lenda do Rei de Granada*, a *Toirada*, o *Testamento da Velha*, o *Relogio Magico*, o *Ali... á preta* e finalmente o *Ramerrão*.

Ha um anno que Cyriaco começou a queixar-se. O antigo vigor, a antiga alegria, as poderosas, quasi milagrosas, faculdades de trabalho, haviam desapparecido. Quando Affonso Taveira, empresario da companhia, que no inverno passado funccionou no theatro da Trindade, partiu para o Brazil, Cyriaco foi procurar alivio aos males de que soffria percorrendo algumas terras do norte de Portugal e indo depois até á serra da Estrella, onde esperava melhorar da tuberculose que o atacára. Voltou para Lisboa moribundo.

Cyriaco, que tanto trabalhou, deixa mulher e duas filhinhas na miseria. Acudiu-lhes na hora mais dolorosa a generosidade de Affonso Taveira. Em Lisboa e no Porto trabalham todos os amigos do insigne maestro para suavisar os dias de amargura á infeliz familia. Deus ha de abençoar todos esses esforços, que bem merecem os herdeiros d'esse, que a par do mais brilhante talento possuia o mais generoso dos corações.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1885-1886

Assignatura extraordinaria de 5 recitas da Patti.

Logares	Assignatura de 5 recitas	Avulso cada recita
Frisas	150$000	36$000
1.ª ordem	165$000	40$000
2.ª »	105$000	24$000
3.ª »	75$000	16$000
Torrinhas	45$000	10$000
Cadeiras	22$500	6$000
Geral	12$500	3$000
Galerias	-$-	1$500
Varandas	-$-	1$000
Entrada	-$-	500

Assignatura extraordinaria de 6 recitas por occasião do consorcio do principe real D. Carlos com a princeza D. Amelia de Orléans.

Logares	Assignaturas
Frisas	108$000
1.ª ordem	120$000
2.ª »	72$000
3.ª »	48$000
Torrinhas	30$000
Cadeiras	18$000
Geral	9$000
Galerias	-$-
Varandas	-$-
Entrada	-$-

O governo tomou para a noite de gala 6 camarotes de 1.ª ordem e 4 frisas, sendo dados, aos respectivos assignantes, camarotes de 2.ª ordem em troca.

Houve em seguida uma assignatura extraordinaria de 10 recitas de Companhia franceza de operette e vaudeville. Para os camarotes e loga-

Uma pagina do *Antonio Maria* em honra dos auctores do *Burro do sr. Alcaide* (28 de agosto de 1891)

res de plateia, que não tinham assignantes nas recitas ordinarias da companhia italiana, tinham preferencia para a assignatura das recitas do casamento os assignantes das recitas da companhia franceza. Os preços para as recitas da companhia franceza eram os seguintes:

Logares	Assignatura de 10 recitas	Avulso cada recita
Frisas..........	68$000	8$000
1.ª ordem......	72$000	9$000
2.ª »	45$000	5$000
*3.ª »	25$000	3$000
Torrinhas......	18$000	2$000
Cadeiras........	12$000	1$500
Geral...........	7$000	800
Galerias........	-$-	400
Varandas.......	-$-	300
Entrada........	-$-	200

Eis o reportorio d'esta brilhantissima, variada e excepcional epocha theatral.

Mefistofele, de Boito, em 29 de outubro de 1885, por Borghi-Mamo, Borlinetto, Jourdain (e depois successivamente De-Bassini e Masini), Lorrain, Gori.

Linda di Chamounix, de Donizetti, em 30 de outubro, por Ella Russell, Borlinetto, Neri, Rossetti, Cotogni, Pinto, Frigiotti, Gori.

Carmen, de Bizet, em 7 de novembro, por Novelli, Borlinetto, Neri, De-Bassini, Cotogni (e depois Colletti), Rossetti, Gori, Waldés, Soldá.

Guglielmo Tell, de Rossini, em 12 de novembro por Russell (e depois Ripetto), Morelli, Neri, Guille, Rossetti, Maurice Devriés, Pinto, Gori, Waldés, Soldá, Lopes.

D. Giovanni, de Mozart, em 20 de novembro, por Borghi-Mamo, Russell, Morelli, De-Bassini, Cotogni, Pinto, Frigiotti, Waldés.

Il Re di Lahore, de Massenet, em 26 de novembro, por Borghi-Mamo, Borlinetto, Jourdain, Maurice Devriés, Lorrain, Ghidotti.

Gli Ugonotti, de Meyerbeer, em 2 de dezembro, por Borghi-Mamo, Morelli, Borlinetto, Maglioni, Neri, Masini, Rossetti, Maurice Devriés, Pinto, Lorrain, Ghidotti, Lopes, Gori, Soldá, Averino.

Rigoletto, de Verdi, em 18 de dezembro, por Ripetto Trisolini, Borlinetto, Todo, Maglioni, Neri, Masini, Maurice Devriés, Pinto, Soldá, Gori, Lopes, Ghidotti, Godefroy.

Il Trovatore, de Verdi, em 23 de dezembro, por Borghi-Mamo, Novelli, Neri, Guille, Maurice Devriés, Waldés, Gori.

Il Barbière di Siviglia, de Rossini, em 26 de dezembro, por Ripetto Trisolini, Neri, Masini, Cotogni (e depois Colletti), Frigiotti, Pinto, Soldá, Ghidotti. A dama Trisolini cantou no 3.º acto variações sobre o carnaval de Veneza de Rabagliotti.

La Semiramide, de Rossini, em 9 de janeiro de 1886, por Borghi-Mamo, Sophia Scalchi-Lolli, De-Bassini, Lorrain, Waldés, Soldá.

L'Elisire d'amore, de Donizetti, em 13 de janeiro, por Trisolini, Neri, Masini, Cotogni, Frigiotti.

La Favorita, de Donizetti, em 25 de janeiro, por Novelli, Neri, Masini, Maurice Devriés, Pinto, Gori

Lucrezia Borgia, de Donizetti, em 27 de janeiro, por Borghi-Mamo, Borlinetto, Masini, Lorrain, Rossetti, Durini, Lopes, Ghidotti, Soldá. No terceiro acto Masini cantou a romanza da opera *I due illustri rivali*, de Mercadante.

Hamlet, de Ambroise Thomas, em 15 de fevereiro, por Fidés Devriés, Novelli, Rossetti, Maurice Devriés, Lorrain, Ghidotti, Waldés, Lopes, Gori.

La Gioconda, de Ponchielli, em 18 de Fevereiro, por Borghi-Mamo, Novelli, Borlinetto, De-Bassini, Cotogni (e depois Magini-Colletti), Pinto, Gori, Soldá.

Fausto, de Gounod, em 24 de fevereiro, por Fidés Devriés, Morelli, Neri, Masini, Maurice Devriés, Lorrain, Soldá.

Lucia di Lammermoor, de Donizetti, em 25 de Fevereiro, por Trisolini, Neri, Guille, Colletti, Rossetti, Waldés, Gori.

Aida, de Verdi, em 6 de março, por Fidés Devriés, Novelli, Masini, Maurice Devriés, Pinto, Gori, Waldés.

Matilde di Shabran, de Rossini, em 20 de março, por Trisolini, Borlinetto, Neri, De-Bassini, Frigiotti, Coletti, Pinto, Gori.

Erodiade, de Massenet, em 15 de abril, por Fidés Devriés, Novelli, Guille, Maurice Devriés, Lorrain, Waldés, Neri, Soldá, Gori.

A celebre cantora Adelina Patti tinha contratado vir dar algumas recitas no theatro de S. Carlos no mez de novembro, e n'essa conformidade realisou a empreza uma formidavel assignatura pelos elevadissimos preços já mencionados. Mas por um dos caprichos frequentes da *diva*, mudou de tenção, addiando, por causa da cholera que grassava em Hespanha, aquellas recitas para o fim da serie de concertos e representações que tencionava dar no seu giro artistico pela Europa; isto no caso de não ser obrigada a fazer quarentena em Portugal na fronteira de Hespanha, o que exigia que tivesse desapparecido a epidemia do territorio hespanhol, pois que não queria fazer quarentena nem vir por mar! Como se não tivesse feito muitas e mais longas viagens maritimas nas suas excursões á America!

Para felicidade da empreza, e lustre do theatro de S. Carlos, ao qual faltava ainda a gloria de a ter no numero das suas brilhantes estrellas, e para satisfação dos amadores, a cholera desappareceu de Hespanha, e a Patti poude fazer a sua viagem por terra, evitando a quarentena, e chegando a Lisboa no dia 25 de março foi hosperdar se no *Grande hotel de Lisboa*, de João da Matta, na Avenida da Liberdade.

Eis os espectaculos das recitas dadas pela Patti em Lisboa:

1.ª — *Il Barbiere di Siviglia*, de Rossini, em 27 de março de 1886, por Adelina Patti, Masini, Cotogni, Frigiotti, Neri, Pinto, Soldá, Ghidotti. Cantou Adelina Patti no 3.º acto, á lição, a valsa da *Dinorah*, e no fim *Il bacio de Arditi*.

2.ª — A mesma opera, em 30 de março, e as mesmas valsas.

3.ª — *Lucia di Lammermoor*, de Donizetti, em 2 de abril, por Patti, Neri, Guille, Colletti, Rossetti, Waldés, Gori.

4.ª — A mesma opera em 5 de abril. A Patti cantou a valsa *l'eco* de Eckert, e o *bacio* de Arditi. Deram-se os bailados do *Rei de Lahore*.

5.ª — *La Traviata*, de Verdi, em 8 de abril, por Patti, Neri, Todo, Guille, Cotogni, Gori, Soldá, Waldes, Ghidotti, Chaves.

6.ª — A mesma opera, em 12 de abril, cantando Colletti em logar de Cotogni que adoecera na recita anterior.

7.ª — *Carmen*, de Bizet, em 14 de Abril, por Patti, Borlinetto, Martinez, Neri, De-Bassini, Colletti, Rossetti, Gori, Waldés, Soldá.

8.ª — 1.º acto da *Traviata*, em 17 de abril, 3.º acto da *Lucia*, valsa *l'Eco*, de Eckert, *il bacio*, de Arditi, bailados do *Rei de Lahore*.

Por esta occasião se inaugurou o novo camarim e sala da empreza no palco scenico, installando-se ahi o camarim da celebre *prima-donna*.

Foram n'esta epocha rescindidas as escripturas ao tenor Jourdain e á dama Russell; nenhum d'estes artistas, porem, era desprovido de merecimento.

A dama Russell tinha até já cantado tres operas com alguns applausos; foi no *D. João* que o publico a pateou, onde justamente melhor cantou e representou; era uma linda rapariga, o que talvez fosse causa do seu fiasco; nem sempre a belleza feminina é um bom empenho a favor da artista para com o publico lisbonense. A joven cantora teve depois melhor exito nos theatros e concertos de Inglaterra.

Um fiasco singular antes de debute se deu nesta epocha. O tenor Oriac, que primeiro se chamara Kelly, que devia debutar na *Lucia*, mostrou no ensaio tal incapacidade, que o emprezario fez cessar a audição no final do 2.º acto, e mandou o artista embora; cousa semelhante tinha succedido ao tenor Zopegni em 1847, que devia fazer o papel de Rodrigo na opera *Othello* com Baldanza.

Houve em S. Carlos os seguintes bailes:

Favonio, de Casatti, em 1 de janeiro de 1886, por Catarina Casatti, Anita Grassi e corpo de baile.

Baile da opera *Ré di Lahore*, em 31 de janeiro.

Feira de entrudo, baile carnavalesco em 5 de março

Genio della fama e genio del amore, de Casatti, em 17 de maio.

Em 31 de janeiro pela 1 hora da tarde houve no theatro de S. Carlos uma recita extraordinaria em beneficio do actor José Carlos dos Santos, cego e muito doente, o qual falleceu poucos dias depois. Representou-se a comedia, *Desquite*, imitação em verso de Séguier, por Augusto Rosa, João Rosa e Rosa Damasceno; cavatina da *Cenerentola* de Rossini por Frigiotti; romanza da *Dinorah*, de Meyerbeer por Magini Coletti; romanza de *Simone Bocanegra*, de Verdi, por Pinto, romanza *amore fa morire*, de Roldi, por Borghi-Mamo; duetto de *Muletieri*, de Marini, por Masini e Cotogni; *Fatalidade*, poesia de Lopes de Mendonça, por Virginia Dias da Silva; duetto de *Mazeppa*, de Campana, por Morelli e De-Bassini, romanza *l'Extase*, de Gounod, por Lorrain, com orgão e piano; canção de *Mireille*, de Gounod, por Scalchi; romanza *le Vallon* de Gounod, por M. Devriés; duetto de *Pescatori*, de Manzochi, por Scalchi e Cotogni. Bailados da opera *Re di Lahore*.

Em 16 de fevereiro, na egreja de S. Domingos, houve exequias por alma do rei D. Fernando, fallecido em 14 de dezembro de 1885; executou-se a missa de Cherubini, e o *libera-me* de Jordani pelos socios da Real Academia de Amadores de Musica; regeu o maestro Filippe Duarte e cantaram solos: o baixo D. José de Almeida e os tenores João Affonso e Marques. O solo de baixo foi escripto por Filippe Duarte.

Em 9 de março houve no theatro de S. Carlos opera e baile de mascaras em recita extraordinaria; os preços foram os seguintes: Frisas 20$000; 1.ª ordem 24$000; 2.ª 15$000; 3.ª 10$000; Torrinhas 6$000; Cadeiras 2$250; Geral 1$200; Galerias 600; Varandas 400.

Em 11 de abril, em beneficio de Borghi Mamo, deu se no theatro de S. Carlos o 2.º, 3.º e 4.º actos da opera *Mefistofele*; a beneficiada cantou as romanzas *Chant d'amour*, de Bizet, e *A meno che* de Mariani.

Em 25 de abril fez Fidés Devriés as suas despedidas no theatro de S. Carlos; deu-se: symphonia de *Guglielmo Tell*; 4.º acto de *Hamlet*, 5.º do *Fausto* com Fidés e Maurice Devriés e De-Bassini; coros e bailados do 4.º acto de *Erodiade*, romanza do *Re di Lahore* por M. Devries, e melodia *Santa Maria*, de Faure, por Fidés Devriés.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

(Continuado do numero antecedente)

Não preciso descrever a praça sitiada. Mas o aspecto do logar é que tinha mudado muito desde o dia em que eu lá tinha almoçado pela primeira vez, sob o olhar vigilante do Corfiote, com M.^es Simons e Mary-Ann. As nossas lindas arvores estavam de raiz ao sol e o rouxinol fugira para longe. O que importa saber é que, da direita e da esquerda estavamos defendidos por rochedos inaccessiveis ao inimigo. Attacava-nos por cima, do gabinete do Rei, e vigiava nos por baixo, do lado do precipicio. D'um lado o fogo d'elles era de cima para baixo; assim o nosso tambem sobre as sentinellas inimigas, mas isto de tão longe, que não valia a pena.

Se Coltzida e os companheiros houvessem tido a menor noção do que é um combate, estavamos perdidos. Era preciso destruir as nosss tranqueiras, entrar á força, arrimar-nos ao muro ou atirar-nos para o abysmo. Mas o idiota, com mais de dois homens contra um, lembrou-se de poupar as munições e de dispôr em atiradores vinte desageitados que nunca souberam atirar. Os nossos tambem não eram famosos; mas melhor commandados e com mais juizo, foram acertando em cinco cabeças até ao cahir da noite.

Os combatentes conheciam se pelos nomes. Interpellavam-se como os heroes de Homero. Quando um tratava de converter outro, apontando-lhe a espingarda, a resposta era uma balla e um raciocinio. O combate era uma discussão armada, em que, de vez emquando, a polvora tinha a palavra.

Entretanto, estendido n'um canto ao abrigo das balas, eu só tratava de desfazer o mal que havia feito e de chamar á vida o pobre Rei das Serras, que soffria atrozmente, queixando-se muito da ardencia da sede e dôres vivissimas no epigastro. Seu espirito é que nada havia perdido em vivacidade e seu olhar vivo e penetrante procurava no horizonte a bahia de Salamina e a prisão fluctuante de Photini.

Disse-me, apertando-me a mão.

— Cure-me, meu filho. E' doutor, deve saber curar-me. Não lhe quero mal pelo que me fez; estava no seu direito. Eu não tenho amor á vida; mas, se eu morro, elles matam-o, e a minha querida Photini enforcam-a. Ai, o que me doe! Apalpe-me as mãos, parece-me que já não as sinto. E acredita que esse americano cumprirá as ameaças? Terá animo para isso? E a Photini que gosta d'elle!... Eu que a estava educando para ser mulher d'um rei!... Mas elle ha de ter dó d'ella... O que lhe é o senhor? Um amigo, nem sequer um patricio. Amigos ha muitos; mas duas mulheres como a Photini é que não ha. Se ao menos elle soubesse que ella ha de ter quatro milhões de dote... Os americanos são homens muito positivos... E aqui estamos cercados por um Coltzida!... Cure-me, senhor, peço-lh'o por toda

a côrte do céo para que eu possa esmagar esse piolho!

Não sou medico e apenas sei de toxicologia o que se aprende nos tratados elementares; mas lembrei-me de que o envenenamento pelo arsenico se cura por um methodo que recorda o do Dr Sangrado. Fiz cocegas no esophago do doente e os meus dedos, fazendo officio de emetico, cedo pude esperar que o veneno fôra em grande parte expulso. Logo se produziram certos phenomenos de reacção, pelle a escaldar, pulso mais accelerado, faces córadas, olhos injectados. Perguntei-lhe se algum dos homens d'elle seria capaz de sangral-o. Ella mesmo ligou o braço e abriu tranquillamente uma veia, em meio do barulho dos tiros e das ballas perdidas. Perguntou-me depois em voz doce e tranquilla que mais havia de fazer. Disse-lhe que bebesse, que bebesse muito, que bebesse o mais que pudesse, até que todo o arsenico fosse arrastado pela torrente das bebidas. Obedeceu-me como uma criança. Creio até que da primeira vez que lhe estendi a caneca a pobre velha majestade combalida me pegou na mão e beijou-a.

Pelas dez horas da noite ia melhor, mas o pagem fallecêra. Atiraram-o desde o alto para o fundo da cascata. Os outros nossos defensores pareciam em bom estado, sem um ferimento só, mas famintos como lobos em dezembro. O inimigo, para mais nos provocar, passou a noite comendo e bebendo por cima das nossas cabeças. Atiravam-nos com ossos de carneiro e com borrachas vasias. Os nossos respondiam ao acaso com tiros. Ouviamos distinctamente os gritos de alegria e os de morte. O Coltzida estava bebado; os feridos e os doentes uivavam juntos; o Mustakas não uivou por muito tempo. O tumulto conservou toda a noite acordado ao pé do velho Rei. Muito comprida é a noite para quem não está certo do dia seguinte!

A manhã de terça feira amostrou-se sombria e chuvosa. O céo toldou-se ao nascer do sol e a chuva começou cahindo com imparcialidade sobre amigos e inimigos. Mas, se nós estavamos sufficientemente dispertos para pormos a bom resguardo armas e cartuxos, o mesmo não aconteceu ao exercito de Coltzida. O primeiro encontro logo nos foi favoravel. O inimigo occultava-se mal e atirava com mão avinhada. Até eu peguei n'uma espingarda. Hadgi-Stavros quiz seguir-me o exemplo, mas tinha as extremidades inchadas e dolorosas, e eu avisei o com a minha franqueza habitual que provavelmente aquella incapacidade de trabalho o acompanharia no resto de seus dias.

Pelas nove horas o inimigo, que parecia muito attento a responder-nos, voltou-nos de repente as costas. Ouvi um tiroteio furioso, que não era contra nós dirigido, e conclui que mestre Coltzida se tinha deixado surprehender pela rectaguarda. Que desconhecido alliado assim surgia em nosso favor?

Seria prudente operar uma juncção e demolir as nossas tranqueiras? Cá por mim, assim me parecia conveniente, o Rei, porém, receava que fossem tropas de linha e Tamburis mordicava o bigode.

Breve se nos desfizeram as duvidas. Uma voz que eu bem conhecia gritou: *all right!* E logo tres rapazes, armados dos pés até á cabeça, saltaram como tigres, pularam por cima da tranqueira e cahiram em meio de nós. Harris e Lobster traziam em cada mão um rewolver de seis tiros. O Giacomo brandia uma espingarda de munição, de coronha para o ar, como um masso: assim é que elle entende que se deve fazer uso das armas de fogo.

Um raio cahindo no quarto não teria produzido mais effeito do que aquelles tres homens distribuindo balas e que pareciam trazer comsigo a morte ás mãos cheias. Os meus trez commensaes, ebrios de bulha, movimento e victoria, não me viram nem a Hadgi-Stavros; não viam senão homens para matar, e Deus sabe como os despachavam. Os nossos campeões, coitados, pasmados, perdidos, foram postos fóra de combate sem terem tempo de se defender nem dar por isso. Eu, que desejára salvar-lhes as vidas, bem me puz a gritar do meu cantinho, mas a minha voz era abafada pela bulha da polvora e pelas exclamações da victoria. O Demetrio acocorado entre mim e Hadgi-Stavros em vão juntava a sua voz á minha. Harris, Lobster e o Giacomo, atiravam, corriam, batiam, contando cada qual na sua lingua:

— *One!* dizia o Lobster.

— *Two!* respondia o Harris.

— *Tre! quatre! cinque!* uivava o Giacomo.

O quinto foi o Tamburis. A cabeça partiu-se-lhe sob a coronha da espingarda como uma noz fresca debaixo d'uma pedra.

Os meus amigos eram lindos de ver n'aquelle espantoso trabalho. Matavam com embriaguez, comprazendo-se em sua justiça. Dir-se-hia que a Destruição encarnára n'aquella trindade anhelante.

Quando tudo se aplainou em volta d'elles e que mais não viram do que trez ou quatro feridos arrastando-se pelo chão, respiraram. Harris foi o primeiro que se lembrou de mim. O Giacomo só tinha uma preoccupação: saber se no monte teria quebrado a cabeça de Hadgi-Stavros. Harris gritou com todas as forças:

— Hermann, onde está?

— Aqui! respondi.

E os trez destructores correram á minha voz.

O Rei das Serras, fraco como estava, encostou uma mão ao meu hombro, apoiou se ao rochedo, olhou fito para aquelles homens, que sós haviam dado cabo de tanta gente para se approximarem d'elle, e disse-lhes com voz firme:

— Hadgi-Stavros sou eu.

Ora os meus amigos havia muito que esperavam occasião para castigar o velho pallicaro. Devia de ser uma festa, matal-o. Tinham que vingar as filhas de Mistra, mil outras victimas, a mim, a elles proprios. Mas não foi preciso que eu lhes sustivesse os braços. Havia um tal resto de grandeza n'aquelle heroe em ruinas, que a ira por si mesmo se desfez e deu logar a um grande espanto. Todos trez eram novos, d'aquella edade em que deante d'um inimigo desarmado não se encontram armas

Em poucas palavras lhes contei como o Rei nos havia defendido contra toda a quadrilha, moribundo como estava, e no proprio dia em que eu tentára envenenal-o. Expliquei-lhes o combate que haviam interrompido, a tranqueira que haviam derrubado, a guerra extraordinaria em que haviam intervindo matando os nossos defensores.

— Pois tanto peor para elles, disse John Harris. Traziamos, como a justiça, uma venda nos olhos. Se uma boa moção tiveram nos corações, o céo lhes tomará contas; cá por mim não me opponho.

— Quanto ao soccorro de que o privámos, não se afflija, disse o Lobster. Com dois revolvers nas mãos e mais dois nas algibeiras bem valemos vinte e quatro homens. Matámos estes; venham agora os outros. Não é verdade, Giacomo?

— Cá por mim estou prompto para matar ás cacheiradas uma manada de toiros. E passar os dias a lacrar cartas com dois pulsos d'estes!

Entretanto o inimigo, refeito do espanto, recomeçou o assedio. Tres ou quatro salteadores haviam mettido o nariz por cima das nossas trincheiras e tomado nota da carnificina. Coltzida não sabia que pensar d'aquelles tres flagelos que havia visto cahir cegamente sobre amigos e inimigos; mas calculava que o ferro ou o veneno o haviam de ter livrado do Rei das Serras. Mandou que prudentemente se tratasse da demolição das nossas obras de defeza. Estavamos todos longe da vista d'elle, abrigados por traz d'um muro, a dez passos da escada. A bulha da derrocada dos materiaes avisou os meus amigos que de novo carregassem armas. Hadgi-Stavros deixou-os fazer o que quizessem. Depois perguntou a John Harris:

— Onde está a Photini?

— A bordo do meu navio.

— Não a tratou mal, não?

— Aprendi por acaso comsigo a atormentar crianças?

— Tem razão; sou um velho miseravel: perdoe-me. Prometta-me que a não condemnará.

— Que mal quer que lhe faça? Já achei o Hermann, entrego-lh'a quando quizer.

— Sem resgate?

— Velho idiota!

— Pois vai ver, disse o Rei, se eu sou um velho idiota!

(Continua).

SCIENCIA MODERNA

XXII

VALOR NUTRITIVO DO PÃO

O pão é um dos alimentos considerado por todos como de primeira necessidade. E com effeito, o seu valor nutritivo é importantissimo. No emtanto, este é muito variavel e dependente da qualidade da farinha empregada no seu fabrico, porque, como é sabido, a percentagem em gluten nas diversas farinhas não sendo a mesma, e sendo o gluten uma das substancias alimentares que mais facilmente se digere, claro é que todo o pão que tiver grande percentagem em gluten deverá ser necessariamente preferido a todo aquelle que tiver uma menor percentagem.

O sr. Aimé Girard, tendo procedido a varias experiencias para averiguar o valor nutritivo do pão consoante as farinhas obteve uns resultados que passaremos a mencionar.

Para esse fim tomou dois typos de farinha obtida com trigo molle, e outros dois typos obtidos com trigo durazio, achando em cada um d'elles a percentagem em gluten.

O resultado foi o seguinte:

I — *Farinha obtida pelo trigo molle*

1.ª *amostra.* Percentagem obtida em farinha 73,11 %. Quantidade em peso, de gluten encontrada 11k,69.

2.ª *amostra.* Percentagem obtida em farinha 60 %. Quantidade em peso de gluten encontrada 11k,65.

II — *Farinha obtida pelo trigo durazio*

1.ª *amostra.* Percentagem obtida em farinha 74,18 %. Quantidade em peso de gluten encontrada 14k,07.

2.ª *amostra.* Percentagem obtida em farinha 60 %. Quantidade em peso de gluten encontrada 14k.

Como facilmente se deprehende d'este resultado, na mesma qualidade de trigo, a quantidade de farinha extrahida não influe sensivelmente na quantidade de gluten encontrada nas analyses do sr. Girard, e, portanto, o valor alimentar é quasi o mesmo.

Onde a differença mais se accentuou, foi nas amostras de trigo durazio nos quaes a percentagem em gluten foi realmente muito maior do que nas farinhas obtidas com o trigo molle, mantendo-se tambem essa quantidade quasi constante, seja qual fôr a quantidade de farinha extrahida de uma ou outra amostra d'essa mesma especie de trigo.

D'aqui parece concluir-se que a farinha que, para os effeitos da alimentação, deve merecer a preferencia, é a farinha obtida pelo trigo durasio.

Isto com relação ás farinhas.

Vejamos se com o pão fabricado succede um facto analogo.

Para isso continuemos a expôr o resultado das analyses do sr. Aimé Girard que tambem tratou de resolver essa questão.

Tomou egualmente duas amostras de trigo molle e duas de trigo durasio e com ellas se fabricaram quatro pães de kilo.

A primeira amostra do trigo molle com uma percentagem de farinha egual a 70 %, n'um pão de kilo deu uma quantidade em peso de gluten egual a 83 grammas.

A segunda amostra da mesma qualidade de trigo, tendo-se egualmente com ella fabricado um pão de kilo, deu uma quantidade em peso de gluten egual a 86 grammas, differença que, como facilmente se vê, é quasi nulla.

Das amostras de trigo durasio tirou o seguinte resultado:

1.ª *amostra.* Percentagem em farinha 74 %. Pão de kilo fabricado com esta farinha 104 grammas de gluten.

2.ª *amostra.* Percentagem em farinha 60 %. Pão de kilo fabricado com esta farinha 100 grammas de gluten.

O resultado que indicamos vem confirmar de novo a superioridade do trigo durasio sobre o trigo molle.

Um dos productos que tambem é indispensavel no nosso organismo, para o funccionamento regular dos orgãos digestivos, e que no pão tambem existe, embora n'uma pequena percentagem, é o anhydrido phosphorico.

Experiencias muito curiosas tambem o sr. Aimé Girard fez a este respeito.

No grão de trigo, onde mais abunda este corpo é na pellicula que envolve esse grão, a qual no momento da fabricação da farinha é eliminada, perdendo-se, portanto, a maior parte da quantidade de anhydrido phosphorico existente no grão.

No pão fabricado a riqueza em acido é minima. Em principio todos fazem uso do pão como alimento, consumindo tambem outros alimentos ricos em anhydrido phosphorico. O que se pretende saber é se os outros alimentos diggeridos pelo individuo poderão compensar a ausencia quasi completa d'este corpo, no pão fabricado,

em virtude da pellicula que envolve o grão não ter sido applicada na fabricação d'esse pão.

Na farinha que serve para preparar o pão temos:

Na farinha branca 3 gr. de anhydrido por cada kilo.

Na farinha escura 3 gr. e 3o.

Esta ultima contendo maior numero de pelliculas de grãos de trigo, daria necessariamente um pão de pessima qualidade.

Vejamos agora qual é, a composição normal de um pão.

Embora n'elle predomine a farinha branca, a sua composição é muito variavel, e a maior parte das vezes, o vendedor é obrigado a attender ao gosto do consumidor. As exigencias d'este são muitas vezes enormes e claro é que se se fosse a attender a todos, ter-se-hia que mandar fabricar cada pão com uma composição diversa.

Por esse facto são os vendedores obrigados a não fazer caso dos mais exigentes e obedecer sómente ao gosto d'aquelles a quem o paladar é mais facil de contentar.

Em geral, o *pão branco*, aquelle que é consumido nas grandes cidades, porque o pão que nas provincias se consome e é denominado *pão saloio* é muito diverso d'aquelle de que nos occupamos, tem a seguinte composição:

Farinha branca	60 %
Farinha de aveia	35 %
Farello	5 a 10 %

Um kilogramma d'esta massa, assim composta conterá cerca de 3,gr. de anhydrido phosphorico.

Se o pão se compuzesse exclusivamente de farinha branca, a quantidade de anhydido existente em egual pezo seria de 3,gr., differença, como se vê, muito diminuta.

Vejamos agora qual a quantidade de anhydrido contida nos alimentos que um adulto pode digerir n'um dia e comparemol-a com a quantidade que no pão existe.

Bouchard, como resultados de varias experiencias, determinou que um adulto gasta diariamente 3gr,18 de anhydrido. Aimé Girand, pezando os alimentos ingeridos n'um dia, tomando como typo um aldeão da Charente, encontrou 6gr,55 de anhydrido, media diaria ingerida por esse individuo e quantidade, como se vê, superior a 3gr,18 achada por Bouchard.

Por conseguinte, a parte de anhydrido que se perde pela eliminação da pellicula do grão de trigo na fabricação das farinhas, e d'estas para o fabrico do pão, não prejudica o regular funccionamento dos orgãos digestivos.

Mais um elemento a favor do pão como alimento de primeira ordem.

Antonio A. O. Machado.

NECROLOGIA

RENATO BAPTISTA

Joaquim Renato Baptista, capitão de engenharia, lente da 14.ª cadeira da escola do exercito, engenheiro da camara municipal de Lisboa, director da Associação dos Engenheiros, da Sociedade de Geographia e da Companhia da Gorongoza, falleceu quasi subitamente na madrugada de 2 de novembro findo, victima de uma aneurisma, em pleno vigor da vida, quando muito ainda havia a esperar da sua robusta intelligencia.

Official prestimoso deixou funda saudade em quantos o conheciam. E esse sentimento bem se demonstrou na numerosa assistencia que se reuniu por occasião da missa resada ante-hontem por alma do estimado engenheiro na Real Casa de Santo Antonio.

Renato Baptista era filho do dr. Isidoro Emilio Baptista, medico formado pelas universidades de Coimbra e de Paris, que foi lente de montanistica e docimasia na escola polytechnica de Lisboa e fallecido ha muitos annos.

Muito novo ficou orphão de pae, porém graças aos cuidados de sua extremosa mãe, e ao proprio trabalho, conseguiu o curso de engenharia, sendo premiado em quasi todas as aulas que frequentou, grangeando a um tempo as sypathias dos professores e dos condiscipulos.

O mallogrado engenheiro nasceu em Lisboa a 5 de outubro de 1855, pelo que contava presentemente 45 annos de idade; assentou praça em 1873, sendo promovido a alferes em 1879. Em 1881 foi promovido a tenente de engenheria, e em 1884 a capitão, pelo que á data do seu fallecimento era um dos mais antigos capitães do exercito. Fôra ajudante de campo do fallecido general José Antonio Dias, commandante geral da engenheria.

Em 1891 foi nomeado commandante da 1.ª companhia do regimento de engenharia, com a qual destacou para Moçambique, fazendo parte da expedição que n'esse anno se enviou áquella provincia.

Em Africa teve Renato Baptista occasião de executar, expecialmente nos territorios da Companhia de Moçambique, notaveis trabalhos de engenharia. É de grande valor o relatorio dos seus trabalhos alli feitos, que a muitos engenheiros tem servido de guia e de util esclarecimento.

Regressando a Portugal passou o illustrado militar para o gabinete do então ministro da guerra. Ahi, mais uma vez, mostrou quanto valia, preparando e

CAPITÃO RENATO BAPTISTA

FALLECIDO EM 2 DE NOVEMARO DE 1900

dispondo varios trabalhos, dos quaes alguns até foram executados sob sua immediata direcção. A elle se deve o actual quartel dos alumnos da escola do exercito e a grande reforma feita nas installações d'aquelle importante estabelecimento.

Encarregado pelo conselheiro sr. Pimentel Pinto de apropriar o antigo convento das Grillas e terrenos adjacentes a *Manutenção militar* elaborou um projecto grandioso que apenas foi executado n'uma parte e mutilado n'outra. Era, por assim dizer, a sua grande obra, que lhe custou muitas horas de estudo, tendo visitado grande numero de estabelecimentos similares da Europa e ponderado todas as vantagens e inconvenientes dos diversos systemas e machinas adequadas ao fabrico de pão, bolacha e massas alimenticias. Entre varios trabalhos litterarios e scientificos publicou Renato Baptista um volume com o titulo: *Manutenção militar*, em que largamente expunha os seus planos e estudos, varios artigos em jornaes de especialidade, taes como a *Revista de Obras Publicas e Minas, Boletim da Sociedade de Geographia, Revista militar, Revista das sciencias militares* e *Revista de engenharia militar*, tendo tambem traduzido elegantemente para francez a *Morgadinha de Valflor*.

Engenheiro da camara municipal de Lisboa desde 1889, desempenhou n'essa qualidade importantes commissões. Para a ultima exposição de Paris preparou ainda Renato Baptista uma curiosa memoria illustrada sobre o matadouro municipal.

O fallecido possuia por serviços distinctos as seguintes honras: ajudante de campo de El-Rei, grau de official de Aviz, de S. Thiago, de Christo, da Legião de Honra, de França, e de Merito Militar, de Hespanha. Possuia tambem as medalhas de prata de bons serviços e de comportamento exemplar.

Recebemos e agradecemos:

Os Marquezes de Gouvêa — *Conde de Lavradio — Imprensa de Libanio da Silva, 87, Rua do Norte, Lisboa, 1900.*

Em distincta edição, tão distincta como o assumpto de que se occupa, recebemos um interessante opusculo com o titulo acima.

Embora se não declare n'esta publicação o seu intuito, é elle comtudo bem manifesto, dada a recente concessão que do titulo de marquez de Gouvêa se fez a um cavalheiro extranho áquella antiga familia. Fidalgamente redigido, não se estabelecem confrontos, que naturalmente nos acodem ao espirito, nem se allude sequer a tão deploravel desrespeito pelo apanagio de uma familia illustre.

Assim, constitue o folheto mais uma affirmativa solemnissima dos direitos postergados.

D. José de Mascarenhas foi o 3.º e ultimo marquez de Gouvêa, conde de Santa Cruz e de Portalegre, que nos fins do reinado de D. João V obteve o titulo de duque de Aveiro, depois de porfiadas competencias com outros pretendentes á casa de Aveiro, vaga e incorporada nos bens da corôa desde D. João IV, pela fuga para Hespanha do duque d'esse tempo, que não quiz seguir a causa da restauração.

Mais tarde, foi considerado o chefe da conspiração contra D. José, e por isso justiçado, como é sabido, confiscados os seus bens, extinctos, para todo o sempre, os titulos da sua casa e familia.

Ora, se a extincção d'estes titulos ficou revogada pela sentença proferida no reinado de D. Maria I, que rehabilitou a memoria dos condemnados, e se o marquezado de Gouvêa era de juro e herdade, este titulo só poderia seguir a mesma ordem de successão que seguiram os bens do morgado da mesma casa de Gouvêa, os quaes, em seguida á confiscação, foram reivindicados, como sendo apenas de mera administração do justiçado, pelo 2.º marquez de Lavradio e 5.º conde de Avintes, D. Luiz de Almeida, por ser filho de D. Francisca das Chagas Mascarenhas, irmã do referido D. José, marquez de Gouvêa e duque de Aveiro, e casada com D. Antonio de Almeida Portugal, vice-rei do Brazil, 1.º marquez de Lavradio e 4.º conde de Avintes.

Portanto, se alguem tinha direito a estes titulos, era o actual marquez de Lavradio sr. D. José de Almeida Corrêa de Sá (Portugal Soares Alarcão Mello e Castro Athayde Eça Mascarenhas Silva e Lencastre), como no opusculo presente affirma o auctor.

Como se vê, trata-se de um protesto tacito que a quantos respeitam as tradicções e prerogativas alheias deve merecer sincero applauso.